



## OPINIÃO



Paulo Carmona  
Presidente da Direcção da AMC

O tempo das economias nacionais, fechadas e autossuficientes terminou. A falta de visão estratégica dos governos e das oposições, neste contexto de perda de importância dos espaços nacionais, conduziu ao desenho errado das políticas públicas

# CRESCIMENTO COM CONECTIVIDADE

A ASSOCIAÇÃO MISSÃO CRESCIMENTO JUNTA A ORDEM DOS ENGENHEIROS, ORDEM DOS ECONOMISTAS, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO, FÓRUM DOS ADMINISTRADORES DE EMPRESAS E O PROJECTO FAROL, PARA RESPONDER À QUESTÃO, COMO COLOCAR PORTUGAL A CRESCER?

**E** fá-lo-á através de Boletins trimestrais e da produção de policy-papers pelo seu think-tank, alojado na Universidade Católica do Porto. O primeiro Boletim já saiu no primeiro trimestre com o tema da atractividade na competição global pelo Investimento produtivo, sendo que o segundo é sobre a conectividade.

E a conectividade, na qual os portugueses têm historicamente uma propensão natural, é uma das condições essenciais ao crescimento, pela inserção da nossa pequena economia aberta num espaço global e das nossas empresas nas cadeias de valor internacionais.

A conectividade facilita o escoamento dos produtos

e a sua colocação noutros mercados (regionais ou globais) e promove o crescimento da economia portuguesa, porque permite às empresas e produtores produzirem para um mercado maior e para um maior número de consumidores.

Como é que o País cresce? Através da conectividade:

- da conectividade gerada pela rede de transportes que nos permite colocar um produto em qualquer ponto do mundo,
- da conectividade gerada pela tecnologia e comunicações que

nos permite prestar um serviço, a partir de Portugal, para qualquer ponto do globo,

→ da conectividade entre as empresas que permite que se criem interdependências entre economias e sectores,

→ da conectividade gerada pelo mundo financeiro, do capital e do investimento que permite captar as poupanças do mundo para Portugal, e

→ da conectividade estabelecida pela ligação entre as pessoas que facilita a partilha de experiências e de competências.

O tempo das economias nacionais, fechadas e autossuficientes terminou. A falta de visão estratégica dos governos e das oposições, neste contexto de perda de importância dos espaços nacionais, conduziu ao desenho errado das políticas públicas.

É necessário que se compreenda esta mudança de realidade: as economias são cada vez mais abertas e interligadas, a sua especialização sectorial produtiva deve ser decidida no quadro dos espaços regionais



e globais, orientando a vocação nacional para as necessidades e funções que ocupa e visa responder à escala global.

Só por via do aumento da competitividade, da produção de bens para os espaços mais alargados (regionais e globais) e do assegurar de funções para o mundo, pode Portugal oferecer mais postos de trabalho e salários médios mais elevados

Contudo, se queremos salários mais elevados, devemos focar a nossa atuação em atividades de valor acrescentado, e necessitamos de uma nova vaga de investimento na produção de bens, serviços, conteúdos e conceitos que abram oportunidades no mercado exterior. Actualmente, Portugal tem uma presença nos mercados internacionais muito vulnerável à concorrência das grandes economias emergentes e das, em cada vez maior número, economias em desenvolvimento. Não podemos crescer mantendo o nosso foco exclusivamente nos bens e serviços que já exportamos, nem mantendo uma "fixação" na Europa.

A retoma do crescimento, para ser sustentada, tem que assentar num aumento substancial da produtividade dos factores (capital, conhecimento/tecnologia, trabalho e terra) e na identificação de uma nova vaga exportadora, que explore o conjunto de macro atividades distintivos de Portugal (destacamos localização, ambiente e recursos naturais, competências tradicionais em áreas de engenharia e indústria e novos polos de conhecimento e novas competências).

A conectividade obriga as empresas e as pessoas a encontrarem o seu espaço de especialização no mundo. Quanto maior for o valor criado no mercado global pelas pessoas e pelas empresas, melhores condições de vida e de empregabilidade pode o seu país lhes oferecer.

A inovação tecnológica permite produzir bens e serviços diferencia-

**EVOLUÇÃO DOS INVESTIGADORES DOUTORADOS EM EMPRESAS,** face ao total de Investigadores Doutorados em Portugal (1999 - 2011)



dos e mais apetecíveis no mercado global. Quanto maior for a procura dos bens produzidos em território nacional, maior será a oferta de postos de trabalho e melhor remunerados serão os trabalhadores, sobretudo os que forem capazes de assegurar essa diferenciação por via das suas competências e especializações.

É, por isso, fundamental que as pessoas mais qualificadas estejam ao serviço das empresas: a Investigação e Desenvolvimento Tecnológico (I+DT) tem que se inserir na estratégia da competitividade das empresas que atuam em mercado global.

Contudo, em Portugal, é o Estado que emprega a maioria destes trabalhadores: de 1999 para 2011, o número de doutorados em atividade em Portugal aumentou quase em 17.500, mas destes quase 17.000 foram trabalhar exclusivamente para o Estado.

Ou seja o Estado produz muitos

doutorados para as estatísticas, mas com pouca aplicação prática na criação de riqueza junto das empresas, na inovação e desenvolvimento de produtos e processos para o aumento da produtividade e competitividade.

Dedicar tempo e recursos à inovação tecnológica promove o valor criado pelas empresas, através de novos produtos ou da diferenciação dos produtos existentes. Mais valor traduz-se em maior procura e, em última instância, necessidade de um maior número de trabalhadores especializados para dar resposta a essa procura. Aqui a tão falada ligação empresa-universidade é essencial para que a produção académica seja mais pragmática e virada para o crescimento e riqueza do país.

Estes são alguns dos temas que compõem o boletim da AMC, também disponível no Facebook ou nas páginas das associadas.

**OS NOVOS ESPAÇOS**

**FUTURO**

+ Abertura das economias

ESPAÇOS GLOBAIS

BLOCOS REGIONAIS

ESTADO NACIONAL

**PASSADO**

- Abertura das economias

**Só por via do aumento da competitividade,** da produção de bens para os espaços mais alargados (regionais e globais) e do assegurar de funções para o mundo, pode Portugal oferecer mais postos de trabalho e salários médios mais elevados